

Águas de março¹

Ana Bento,² São Paulo

Marise Levy Wahrhaftig,² São Paulo

Rosa Junqueira Corrêa,² São Paulo

Resumo: A Associação de Membros Filiados (AMF), sob a gestão do Coletivo Transversal, celebra o encerramento de seu mandato (2023-2025) e, alinhada à proposta do Jornal de Psicanálise – “O analista em formação: da intimidade do privado à expressão no público” –, reforça o diálogo institucional sobre a formação psicanalítica. O texto propõe um diálogo entre um recém-titulado membro filiado e um novo membro associado da SBPSP. Dois eixos orientam a conversa: a escolha pela formação no Instituto Durval Marcondes, com suas referências e expectativas, e a reflexão sobre o trânsito entre o íntimo e o público na formação e na vida coletiva. Mais do que uma entrevista, trata-se de um diálogo aberto e profundo, que gerou ricas reflexões.

Palavras-chave: psicanálise, transitoriedade, formação, espontaneidade, tensionamento, exposição, fluxo

O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição. Era incompreensível, declarei, que o pensamento sobre a transitoriedade da beleza interferisse na alegria que dela derivamos. Quanto à beleza da natureza, cada vez que é destruída pelo inverno, retorna no ano seguinte, de modo que, em relação à duração de nossas vidas, ela pode de fato ser considerada eterna. A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhe empresta renovado encanto. Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela.
(Freud, 1916/1974)

1 Deixamos entre chaves as reflexões posteriores da AMF suscitadas pela entrevista.

2 Membro filiado ao Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

A Associação de Membros Filiados (AMF), com a atual gestão Coletivo Transversal, celebra na transitoriedade do tempo o fim de seu mandato 2023-2025, em março, e aproveita o ensejo da proposta do *Jornal de Psicanálise*, “O analista em formação: da intimidade do privado à expressão no público”, para reforçar o diálogo institucional no campo político da formação do psicanalista. Campo esse que se dá no encontro com o outro, atravessado pela instituição e a partir do tensionamento produzido nessas relações.

A formação evoca o sujeito em seu fluxo de vida, como água nascente em percurso de rio, até o deságue no Instituto Durval Marcondes. Pauta a transitoriedade, o medo, as inibições; como represas, que mantêm a força da natureza em relação ao desejo de contenção do homem, para produção de forças controláveis, passíveis de serem moldadas na estrutura do tempo.

Toda água represada sofre com a ação do tempo, exigindo do homem menos controle da natureza, mas ocorrem os escapes, rupturas, fissuras, ou, por vezes, cisões, nos quais se enxerga a potência da água. Essa tornou-se densa demais para se manter contida. As instituições, por muitas vezes, apresentam-se como comportas de água, tornando os encontros públicos menos fluidos e confortáveis para exposições do privado.

Muitas vezes, pequenos espaços sofrem atravessamentos e grande potência de águas em fluxo, que podem levar a atritos. No entanto, a natureza, de forma regenerativa, potencializa outros ambientes, de margens mais expandidas, onde não cabe tudo, mas é nessas expansões que se revelam e sustentam as forças naturais.

Pensando o trânsito do íntimo ao público e como acontece esse entrelaçamento no âmbito institucional, mas também naquele da vida coletiva, a diretriz para este texto é o diálogo entre Marcus Souto Abrantes,³ que se tornou recentemente membro associado da

3 Médico pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com especialização em Oncologia pela Santa Casa de São Paulo, psicoterapeuta individual e de grupo, psiquiatra, psicanalista e médico psiquiatra e psicanalista do Hospital-Dia do IPQ-FMUSP.

Sociedade Brasileira, e Eugênio Canesin Dal Molin,⁴ que acaba de ingressar na formação do Instituto Durval Marcondes da SBPSP, recebendo a titulação de membro filiado.

Em relação à proposta da entrevista, pensamos em dois eixos norteadores para o nosso diálogo. Num primeiro, destacamos a escolha pela formação psicanalítica no Instituto Durval Marcondes da SBPSP – as referências, expectativas e sonhos em relação a ela e os movimentos internos na articulação com a experiência institucional. E num segundo eixo, podemos ampliar essa reflexão sobre o tensionamento entre o interno (íntimo, privado) e o externo (formação institucional) do psicanalista, para além da relação com a instituição de formação, expandido para o âmbito da vida coletiva. Mais do que uma entrevista, isso se deu na forma de um diálogo aberto entre os participantes. Desde o início a conversa fluiu como água corrente, ora demonstrando forças centrípetas, de uma fluidez mais calma, em outros momentos mais tencionada por curvas sinuosas e comprimidas.

M – Os entrevistados estão na encrenca, estamos especialmente encrencados, porque é claro que, de uma certa forma, nós já estamos falando de nos expor e o que tem a ver com publicar. Acho que essa ideia de “é uma encrenca se expor e publicar”, já é um início.

Acredito que o tema escolhido é especialmente feliz, pela sequência de associações que foram me aparecendo no momento em que eu poderia aceitar ou não participar da entrevista. Agora eu estou lembrando que alguém já disse eu sou psiquiatra, eu acho que esse é um tema interessante, porque as pessoas entram na Sociedade e são diferentes, todas bem diferentes. Por exemplo, eu vim da área médica.

4 Psicanalista, doutor pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É do conselho diretivo do Grupo-Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF) e professor dos cursos de Especialização em Teoria Psicanalítica da PUC-SP e de Psicopatologia e Saúde Pública da Santa Casa de São Paulo. Escreveu *O terceiro tempo do trauma* (Perspectiva, 2016), coorganizou *Ferenczi: inquietações clínico-políticas* (Zagodoni, 2020), *Ferenczi: pensador da catástrofe* (2022) e *Psicanálise entre catástrofe e criação* (Blucher, no prelo).

Sobre o assunto que conversamos – expectativas e o que se espera da Sociedade – vejo que isso está muito ligado à diversidade das pessoas que entram. Penso que fui bastante marcado pela minha origem na medicina, em contraste, talvez, com a maioria dos membros da Sociedade. Isso é curioso e importante, porque essa diversidade de expectativas reflete justamente a diversidade de formações profissionais: pessoas de diferentes áreas trazem, naturalmente, expectativas diferentes. Esse tema surgiu desde o início da minha participação. Muitos aspectos da minha formação geraram uma diferença de perspectiva em relação às expectativas comuns. Vou dar um exemplo: quando recebi o título, digamos assim, o reconhecimento de ter sido admitido na Sociedade, o valor desse título e a expectativa associada a ele foram muito relativos para mim.

E – Concordo com Marcos, que trazemos as marcas do começo, nesse caso, do começo da vida profissional, que há uma presença forte daquilo que a gente já fez. A formação, pelo menos para mim, como eu a experimento, é quase um ambiente, é um tipo de ambiente. Eu fiz uma formação muito sólida no Departamento de Psicanálise, no Sedes, e participo ativamente de pesquisas e da vida acadêmica, o que também é um processo muito formativo. A vida institucional e política também o é. Minha tendência é pensar as instituições e as formações como espaços de troca com sintomas diferentes, para colocar desse modo, com repetições diferentes. Falar sobre formação, sobre o que se espera, é difícil: porque tem coisas que a gente espera e sabe, e tem coisa que a gente espera e não sabe. Eu acho que uma das características que sinto mais marcadas nessa chegada é um sentimento das contradições que envolvem estar numa formação. Os eixos vão ficar misturados, mas não tem muito o que fazer. Acho que uma das coisas interessantes em uma entrevista como essa é poder tensionar o que é público e o que é privado, o que é possível falar sobre expectativas privadas, pessoais, imaginando que, no melhor cenário possível, alguém vai ler uma conversa e o que se diz em determinados contextos. Há algo exatamente desse tensionamento que é característico do que significa ter uma vida política.

[Se é na oralidade e escuta que a psicanálise se faz água em livre percurso, são as paredes institucionais que criam os contornos que comprimem ou expandem as margens. Vale ressaltar que não somente as regras e os ritos de passagens reprimem e contêm liberdades, o público e o privado produzem forças, e o espaço de fala e o de escuta, tomados pelo que deve ou não ser dito, se não cuidados, tornam-se potencializadores de silenciamento, comprimindo a natureza dos processos criativos.]

M – Isso é curioso, porque tangencia tanto essa questão do exterior-interior, tanto as questões institucionais, quanto as questões metapsicológicas, que, no fundo, no fundo, publicar é passar para a consciência. São níveis de consciência e até níveis de assumir publicamente, possivelmente, o máximo do nível da consciência. É o próprio processo da cura psicanalítica, é nossa publicação, é nossa exposição. Mas o que estamos dizendo simultaneamente é que, curioso, não é só um expor, é um escolher o que expor, acho que é nesse sentido também que o Eugênio trouxe, escolher o que expor em que ambiente também, achei interessante isso. Então, é uma escolha em um ambiente em que vou expor algumas coisas, vou escolher partes de mim que são bem acolhidas nesse ambiente. Acho que é natural que, por um tempo, e a permanência dentro da Sociedade vai, de certa forma, formando a pessoa, nesse sentido. E isso tem a ver com o próprio processo de cura individual no sentido de falar, expor alguma coisa desde o início.

Engraçado, lembrei-me da entrevista para entrar na Sociedade. Foi sui generis, como era a personalidade do entrevistador, ele quase não falou nada. Eu me sentei diante dele e, como o silêncio se prolongou, acabei tomando a iniciativa de começar a falar. No final, depois de eu já ter falado bastante, ele perguntou: “Você quer falar mais alguma coisa?”. Eu disse que não. E então ele respondeu: “Qualquer coisa que você disser poderá ser usada contra você.”

A entrevista já trouxe, de início, essa questão da exposição: o que se vai expor, o que se vai falar. Curioso como, em vários níveis, esse referencial teórico interno e externo – expor, falar – foi

se delineando. Naturalmente, dentro das sessões analíticas, fui construindo a ideia de que, na análise, a gente não pensa para falar, a gente fala para pensar; mas em algum lugar, em que teria ali uma intimidade em que a pessoa poderia expor, deve expor, faz parte da regra fundamental, deve expor sem pensar.

Tem algo que é muito terapêutico também, e aí imagino que não seja terapêutico só para o indivíduo, mas também para a Instituição como um todo. Existir esse maior grau de liberdade de manifestações variadas, das pessoas em formação, as pessoas que não são ainda analistas, estão falando, me parece que tem um percurso que já está acontecendo mais, mas tem um histórico.

E – Você fala da possibilidade de falar nas reuniões, de trocar desde o começo, isso é interessante, é como se estivesse descrevendo uma certa inibição criada pelos espaços. Uma inibição que você sentiu como estimulada, no sentido de provocada, imposta, e que agora está mudando, quase um desenho em que uma certa hierarquia condicionaria os espaços para troca.

M – Talvez seja até uma questão própria da psicanálise, assim como é uma questão do autor e da autoridade. Nós já tivemos esse tipo de discussão. Na psicanálise é muito comum você falar de algum tipo de experiência, “mas está escrito no livro do Freud”. Quando você diz isso, parece que é um argumento científico, o Freud disse. Essa característica, que é da psicanálise num certo sentido, já tem essa autoridade, e eu não sei se é possível ter um tipo de ciência, existe uma consistência com um indivíduo que falou, a pessoa disse isso, então, existe uma natural fundamentação pela obra toda, por tudo que falou. Há algo curioso nisso. Desde o início, existe uma tradição na psicanálise de transmitir quem fez supervisão com quem, faz parte da psicanálise; mas isso, acho pouco pensado assim, não sei se poderia ser diferente. Acho que o pior é a gente olhar uma coisa, pensar que ela é assim, mas deveria ser diferente. Isso induz a uma certa filiação, acho que já induziu certas coisas de escolas, e isso está na história da psicanálise. Lacan foi expulso e hoje em dia é totalmente aceito, sua

contribuição é enorme. A história mostra mudanças, mas também revela como certos traços persistem, especialmente os próprios do autoritarismo, da pessoa, e, talvez, seja difícil de tirar isso de dentro de uma ciência histórica praticamente, muito mais próxima de uma história em todos os sentidos. Em psicanálise não é uma coisa lógica, mas isso é bem complexo, com várias consequências também difíceis.

E – Ao te ouvir, pensei que tem uma forma de organização do conhecimento e da transmissão do conhecimento que muitas vezes envolve um exercício que é, como você falou, de filiação e de reconhecimento do tipo de produção que veio antes. No limite ruim, isso pode ser complicado e esquisito e tomar a forma do argumento de autoridade, o que é um problema com o qual temos que lidar. Mas, fora dessas situações, talvez o remeter a um autor, remeter a alguém que pensou parecido antes é uma forma de pensar dentro da história das ideias. Na verdade, o que me chamou a atenção no que você falou foi que talvez esteja presente nisso uma certa problematização das assimetrias que se colocam em toda transmissão. E em que medida é possível uma conversa um pouco mais horizontal? Em que medida o pensamento escorre, se acomoda em desenhos muito verticalizados de transmissão, de conhecimento, de experiência? Quer dizer, o que é possível fazer, como se estivéssemos sentados numa roda, conversando com amigos, colegas, de uma maneira mais horizontal, e o que se coloca em uma transmissão muito verticalizada, assimétrica? Não é como se todos os espaços, para usar um autor de que eu gosto (de um jeito que espero livre), fossem uma espécie de conversa entre duas crianças trocando experiências terríveis. Grande parte deles tem a forma de uma conversa adulto-criança muito marcada, em que o adulto sabe e a criança não sabe. Mas podemos almejar mais, não uma conversa entre irmãos, entre iguais absolutos, que nunca é exatamente assim, uma simetria total e completa, mas uma conversa entre crianças mais horizontal.

[O público e o privado são forças em constante fricção, cadenciam não só o fluxo das águas, mas cuidam do ambiente, pautado por uma percepção atemporal sobre riscos; para tanto, a contenção!

O que as tensões produzem enquanto encontro de águas vívidas? Águas paradas são águas antigas, diferentes pela microbiologia que as fecunda, e, mesmo que não desejem, recebem influência das águas das chuvas e, nesse encontro, outros corpos. A tal da transitoriedade da epígrafe de Freud.

Às vezes, é preciso parar o mundo interno para sentir a força da natureza eclodir. A sensação de colapso, uma linha tênue entre a angústia e o orgasmo, apenas margens expandidas sobre o encontro de águas potenciais, vindas de suas nascentes, corredeiras de diferentes rios.]

M – E é possível, até mesmo, fazer uma ponte com a metapsicologia e até com a metodologia da clínica. Eu me dei muito bem no grupo de um certo coordenador, me dei muito bem no grupo de Bion, que, no meu entender, essa questão de sem memória tem uma certa libertação, me parece que é uma escola que possibilita um pouco mais de criatividade. Uma vez eu apresentei nesse grupo um trabalho, para a gente discutir, que se chamava de estímulo, que era exatamente sobre a questão da espontaneidade, e foi muito curioso isso. Tinha uma situação clínica, com um certo constrangimento, eu vou falar, eu fiquei sempre constrangido de falar, até de ler. O título do trabalho começava assim: “acho que você quer se f...”, aí vinha um outro “eu disse isso para o paciente?”, e aí eu continuava o texto, “mas como é que foi mesmo, por que eu disse isso para o paciente?”. Mesmo me surpreendendo, fui me perguntando “de onde tinha vindo aquela fala?” e fui ainda me perguntando “se era uma atuação minha ou se era um acting-out”. “Se era uma atuação ou se era uma linguagem de achievement”, que é um termo do Bion que está ligado a uma linguagem expressiva de espontâneo. No texto eu falo “esse negócio de ser espontâneo é muito perigoso!” Eu escrevi e fui vendo de onde tinha saído aquela frase, se aquilo era uma atuação ou se era uma linguagem de achievement, que é uma linguagem de êxito, uma linguagem

espontânea, uma linguagem expressiva. Foi curioso que esse trabalho era sobre a questão da espontaneidade do analista e que algumas falas podem ter um efeito de êxito psicanalítico, diferentemente da fala mais teórica, vamos dizer, ou interpretativa, se é possível fazer uma distinção.

No evoluir do trabalho, eu me lembro, em uma associação posterior, que isso era uma conversa de mesa de bar, em que tinha uma pessoa que contava inúmeras situações em que ela sempre se ferrava, no final ela sempre se dava mal, e um amigo virou e falou “acho que você está querendo se f... de novo”, e aquilo ficou na minha cabeça, e eu, espontaneamente, falei durante a sessão. Então, tem uma questão aí que é a rua que entra no consultório, a questão da cultura e da espontaneidade. Uma linguagem, vamos dizer, de bar, de mesa de bar, e se isso é ou não é uma linguagem de achievement, se isso é ou não uma espontaneidade do analista e, evidentemente, que estaria também aí interrogado se é uma atuação ou se é, para todo risco, vamos dizer, dessa espontaneidade, dessa exposição do analista durante a sessão. Eu me lembro que esse coordenador começou um congresso com um encontro de Bion em que ele parado, ele e um grupo ficaram praticamente sem assunto, então vamos ver o que que aparece aqui, e não aparecia nada. Um contava um caso clínico sem pé nem cabeça, eles deixaram iniciar um encontro solto, sem coordenação. No encontro as pessoas foram ficando perturbadas, as pessoas viajaram de longe, chegavam lá, queriam uma exposição de uma coisa e ele falava “não sei, não sei, vamos ver o que vai acontecer”.

Então, existem esses espaços assim, mas eu acho que é essa questão, ele falava, é a personalidade que traça, é a espontaneidade, acho que também é um tema que, como a gente falou, a gente está falando da instituição e ao mesmo tempo está falando de aspectos específicos da metapsicologia, que é essa espontaneidade do analista, como ele trabalha hoje em dia. Existe um tipo de mudança, eu tenho notado, uma coisa muito curiosa; a minha análise terminou há 30 anos, e eu tenho me lembrado muito das falas do meu analista, muito, e muitas vezes na sessão eu falo “estou me lembrando do que meu analista falou” e eu tenho falado isso para os pacientes, e isso tem

aparecido para mim como uma forma de cura pelo analista dentro, como isso surge espontaneamente na sessão, inclusive para mim tem sido útil, uma coisa bem surpreendente eu falar que eu me lembrei da minha análise para o paciente e que isso era uma fala do meu analista. Não sei, é algo que eu estou fazendo, estou gostando, estou achando que tem bons resultados, e é uma coisa no limite assim do que se faz e o que não se faz, você pode ser espontâneo, você pode ser autêntico.

Outro dia eu estava pensando em uma fala, de um artigo totalmente original na psicanálise, que é “O prazer autêntico”. O autor criou esse trabalho e escreve sobre o prazer autêntico, é curioso que todas as vezes que você pergunta, tenta definir o que é o prazer autêntico dos referenciais clássicos psicanalíticos, ele fala “bem, isso é você que está falando”. Ele não define o que é o prazer autêntico, e fica esse conceito novo, mas eu acho que é uma coisa ligada à espontaneidade, é ligado a você conseguir expor a um paciente, livre dessas amarras.

E – Sinto também que a espontaneidade do analista é fundamental, e é curioso, porque você estava falando de um psicanalista nessa reunião e que tinha feito a sua entrevista, e eu fiquei me lembrando de como a gente pensa com as coisas que leu, que viu, com o filme a que assistiu, com o fato de estar no Brasil, os problemas que o país tem, nos situando em relação a esses problemas e questões, entre os autores que vão nos formando. Eu também estava me lembrando, enquanto falava, de que a própria questão de como falar para o paciente tem também uma história, e que essa história pode se colocar de modo mais ou menos explícito quando nos ocorre dizer alguma coisa. A questão do tato e do quando interpretar, como interpretar, por exemplo, me remete muito diretamente também a um autor do qual me ocupei e que discute explicitamente essa questão, que é o Ferenczi. Minha sensação é que, se eu não o mencionasse explicitamente numa conversa como essa, ficaria muito arrependido. A certa altura, ele vai pensar um pouco sobre o tema que o Marcus trouxe, que é o da metapsicologia do analista: o que se escuta (a sensibilidade da escuta), o que depois vai sendo informado por uma espécie de julgamento, que toma as coisas que ocorrem na nossa cabeça durante a

sessão, e o que é uma interpretação que tem um efeito transformador, quer dizer, “por onde ela pega”. A discussão sobre a espontaneidade, me parece, tem uma história aí. Tudo o que for uma posição falsa, pensada previamente, vai ser percebida, porque os pacientes têm uma sensibilidade muito aguçada a tendências, humores, preferências do analista e às vezes se adaptam a isso. Então poder falar de maneira espontânea, poder pensar com liberdade, poder estar em uma reunião e falar também, não sei se tudo, mas algumas das coisas que vêm à cabeça, envolve também uma metapsicologia do sujeito em determinado contexto e encontro.

AMF – Gostaríamos de retomar com vocês essa questão da exposição no mundo contemporâneo, do limite entre o que é público e o que é privado e como nossa clínica é afetada por essas questões. Como nos apresentamos em nossos papéis sociais e institucionais? O que fazer desse lugar que é ao mesmo tempo reservado, preservado e também vulnerável à exposição? Como pensar essa articulação entre o íntimo e o público e ir além das questões institucionais?

E – Somos sempre resultado do nosso tempo, ninguém está adiante do próprio tempo; se vive sempre perto dele, se está completamente imerso nele. Fiquei pensando que a questão talvez tenha duas ramificações, uma é o de discussões que não são tão recentes sobre como alguém se posiciona em relação à vida política, sobre os problemas que coletivamente enfrentamos, quer dizer, em que medida o analista expõe ou não isso e para quê. Acho que a gente expõe mesmo quando acha que não está expondo. Em outras palavras, a gente vai mostrar as coisas que pensa, como pensa e, eventualmente, também preferências políticas, conforme abre a boca. A segunda ramificação toca na questão do grau de exposição que alguém pode ter em termos de redes sociais, por exemplo, e o que envolve isso. Acho que todo mundo vai se confrontar, mais cedo ou mais tarde, com isso também e pensar o encontro dessas duas ramificações, que culminam em como se espera poder participar das discussões que interessam ao nosso tempo.

M – Acho que existe aí um ponto que sempre passa pela questão do tato, da sensibilidade de cada um; existem, de fato, muitos estilos de pessoas, uma variedade muito grande de estilos de pessoas e como é que essa questão de, ao mesmo tempo, ser um psicanalista, o que essa diversidade de pessoas, estilos diferentes e essa questão do molde, inclusive com uma certa pressão na posição política. Eu também, muitas vezes, sou perguntado diretamente. Os pacientes, às vezes, têm certeza de que você normalmente vota do mesmo lado dele, curioso isso, tem alguém de uma posição de esquerda e tem certeza de que voto, e vem outro de direita, e tem certeza de que eu voto. Normalmente nesses casos, eu aceito isso, porque percebo que é uma crença necessária para eles.

Tem essa questão da história recente e tem a questão de também nos libertar da história, que é a liberdade; é controverso, sempre existe a possibilidade de libertar-se da história, mas passa pelo tratamento analítico, o lembrar para não repetir.

[O encontro das águas movimentava estruturas firmes, deslocava ambientes, de forma sutil e imperceptível, ou como enxurrada, invadindo e ocupando territórios, e, inevitavelmente, provocando mudanças. O que nos convoca sensações de decadência? De destruição? Qual o efeito da transitoriedade na escassez do tempo?

Se não há duração absoluta, como ressignificar os encontros das águas sem o medo das modificações? Se os muros em si já representam contenções, como potencializar as forças criativas dentro da instituição?]

Aguas de marzo

Resumen: La Asociación de Miembros Afiliados (AMF), bajo la gestión del Colectivo Transversal, celebra el cierre de su mandato (2023-2025) y, alineada con la propuesta del Jornal de Psicanálise – “El analista en formación: de la intimidad de lo privado a la expresión en lo público” – refuerza el diálogo institucional sobre la formación psicoanalítica. El texto propone un diálogo entre un miembro filial recientemente

titulado y un nuevo miembro asociado de la SBPSP. Dos ejes orientan la conversación: la elección de la formación en el Instituto Durval Marcondes, con sus referencias y expectativas, y la reflexión sobre el tránsito entre lo íntimo y lo público en la formación y en la vida colectiva. Más que una entrevista, se trata de un diálogo abierto y profundo, que generó ricas reflexiones.

Palabras clave: psicoanálisis, transitoriedad, formación, espontaneidad, tensión, exposición, flujo

Waters of march

Abstract: The Association of Affiliated Members (AMF), under the leadership of the Coletivo Transversal, celebrates the conclusion of its 2023–2025 term and, aligned with the proposal of the Journal of Psychoanalysis – “The Analyst in Training: From Private Intimacy to Public Expression” –, reinforces the institutional dialogue on psychoanalytic training. The text presents a dialogue between a newly titled affiliated member and a newly appointed associate member of the SBPSP. Two main themes guide the conversation: the choice of training at the Durval Marcondes Institute, with its references and expectations, and a reflection on the movement between the intimate and the public within training and collective life. More than an interview, it is an open and profound dialogue, resulting in rich reflections.

Keywords: psychoanalysis, transitoriness, training, spontaneity, tension, exposure, flow

Les eaux de mars

Résumé : L'Association des Membres Affiliés (AMF), sous la direction du Collectif Transversal, célèbre la fin de son mandat (2023-2025) et, en accord avec la proposition du Journal de Psychanalyse – « L'analyste en formation : de l'intimité du privé à l'expression dans le public » –, renforce le dialogue institutionnel sur la formation psychanalytique. Le texte propose un dialogue entre un membre affilié récemment titré et un nouveau membre associé de la SBPSP. Deux axes orientent la conversation : le choix de la formation à l'Institut Durval Marcondes, avec ses références et attentes, et la réflexion sur le passage de l'intime au public dans la formation et la vie collective. Plus qu'une interview, il s'agit d'un dialogue ouvert et profond, qui a suscité de riches réflexions.

Mots-clés : psychanalyse, transitoire, formation, spontanéité, tension, exposition, flux

Referências

Freud, S. (1974). Sobre a transitoriedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 345-346). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)

Ana Bento
anabentoas07@gmail.com

Marise Levy Wahrhaftig
levywah@uol.com.br

Rosa Junqueira Corrêa
rosajunqueira7@outlook.com

Recebido em: 27/2/2025

Aceito em: 28/2/2025

DOI: 10.5935/0103-5835.v58n108.11